

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Último Hora

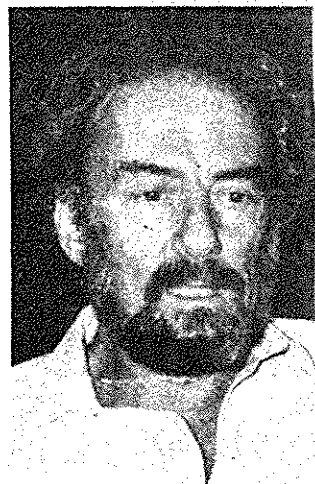
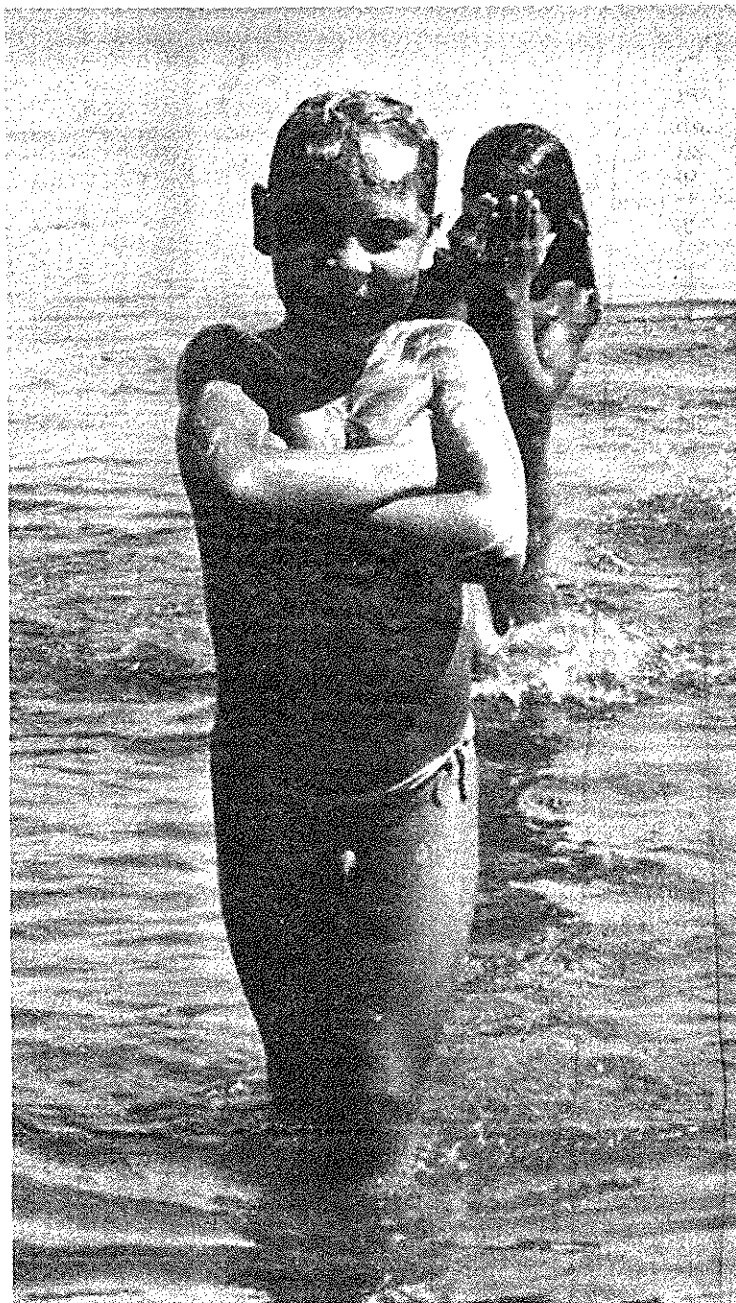
Class.: PIX-Prod. Cultural

Data: 14/05/85

Pg.: 609

XINGU

Com sabedoria, os índios realizam nossa utopia



Washington Novaes e uma civilização onde o homem é importante



BEBÊ PRATES

Cena 1: O jovem índio do Xingu está se submetendo a mais uma sessão de arranhamento, uma espécie de raspagem-sangria que é feita no corpo inteiro de cada um dos membros da tribo - homens e mulheres - uma entre as muitas práticas que visam fortalecer o corpo, "depurá-lo", antes de se chegar à idade adulta.

A sessão é dura, todo o corpo poreja sangue e o indiozinho está evidentemente assustado, com expressão dolorida e acuada, apesar de não se negar ao tratamento nem de pedir auxílio. Não importa, sua dor é percebida por seu pai que delicadamente, carinhosamente, o envolve num abraço e lhe fala palavras de incentivo e consolação ao ouvido.

Este tipo de comportamento, de um povo dito "incivilizado" tem muito a ensinar aos brancos, a todos nós. Fortes, saudáveis e corajosos, não por isso os índios perdem a ternura, a solidariedade que baliza suas relações sociais. Quanta diferença para o padrão machista e estúpido do comportamento pai-filho de nossa sociedade. "Homem não chora", "deixa ele chorar para aprender a ser homem", "é bom que assim ele aprende" são algumas das muitas idiotices que ouvimos sendo reproduzidas não só em palavras mas também em condutas de "mestres" em educação, a nível familiar e institucional.

Xingu, Terra dos Índios Brasileiros, onde a cena acima foi mostrada, é o mais importante documentário já aparecido na televisão brasileira sobre os nossos indígenas e o principal responsável por sua presença no vídeo é o mesmo jornalista, Washington Novaes, que há poucos anos causou reboliço com seu Sal, Azeite e Veneno, em outro documentário produzido para o "Globo Repórter", do qual ele era um dos editores, e onde se denunciava a trágica situação de intoxicação em que chegava à mesa do consumidor, verduras, frutas e legumes. (Mas isso é outra história). Agora, com Xingu, que está sendo exibido na Tv Nacional/Manchete, todas as segundas-feiras, às 22:20 horas, (já no capítulo 5, o de ontem, vai até o décimo-quarto), Washington traz ao telespectador brasileiro a oportunidade rara de conhecer, sem os estereótipos de praxe, a cultura e sabedoria de um povo que vive tão próximo de nós.

Cena 2: Washington Novaes, roteirista, redator, pesquisador e narrador de Xingu e o produ-

tor do programa, José Carmo, estão jantando num hotel da cidade. Novaes come frugalmente um peixe assado e com a mesma tranquilidade e admiração que transparece em sua narração da série e também nos seus diálogos com os índios, deixa escapar uma frase quase em tom de confissão: "O difícil é voltar de lá, se não fosse pela saudade de filhos, mulher e amigos, eu tranquilamente preferia viver com os índios".

A afirmação não é gratuita, romântica. Afinal de contas, para Washington Novaes, a estrutura social dos índios do Xingu, sua não delegação de poderes, sua informação democratizada, de verdade, partilhada por todos, suas práticas educacionais destinadas a fortalecer os que estão chegando, a dar-lhes plenas condições de desempenhar com alegria e plenitude suas vidas, tudo isso faz parte da utopia humana que está ali.

Depois de 6 meses dedicados integralmente à realização de Xingu e de mais de 60 dias morando no Parque, Novaes não nega seu estranhamento de volta: "Sabe, a impressão que me dá é que somos mestres em perder tempo, em adiar as coisas, a nos acumular de pensamentos que não se ligam ao real".

Cena 3: A mãe trabalha a cerâmica, um jarro em formato de galinha está prestes a surgir, mais uma obra de arte-cotidiana dos índios. A indiazinha que brinca ao lado da mãe engatinha até o jarro e o quebra mais uma vez. Ato contínuo, a mãe inicia o preparo de uma nova peça. Não há gritos, nem zangas, nem ataques histéricos nem preâmbulos sobre o dever de preservar nossas coisinhas, nossos valores materiais. Nada disso.

Washington não foi testemunha ocular da cena que lhe foi contada por um indigenista: "A índia adulta prosseguia em sua tarefa, criando um jarro com todos os detalhes, com toda a perfeição, apesar de quase certeza de que ele seria quebrado. "Mas por que então você não faz algo mais simples, apenas para ser quebrado? Quis saber. Ora, respondeu a mãe, se não for direitinho ela não vai quebrar. Ela quer quebrar galinhas..."

Valores em questão. Por que não quebrar? Por que creditar ao concreto superioridade ao ato? Por que um mundo que se orienta em base no ter e não no estar? Perguntas sem sentido para os índios do Xingu. Lá, a dimensão do real se alcança

num nível diferente do nosso, onde sujeito e objeto se entremesam de forma irreversível e onde cada um dos seres existentes tem plena identidade.

Pode haver uma organização tão moderna, tão admiravelmente anárquica, uma sociedade em que não há chefes no sentido de poder mandar ou arbitrar sobre a vida dos outros, em que trabalho e lazer são conceitos únicos e indissociáveis? Novaes levanta a bola e ele próprio dá a cortada. Fizeram críticas ao Xingu em cima do conceito que o bom selvagem é uma invenção dos brancos, que isto não existe, que esta é uma visão comprometida com um mito. É óbvio que no contato com os brancos, os índios passam a sofrer pressões e aspirações que desconheciam.

Cena 4: Crianças bem pequenas, indiozinhos e indiazinhas, partilha com prazer os serviços dos adultos, catam lenha, pescam, fazem comida, sempre com a mesma alegria com que brincam nas fontes e nos rios. Depois, quando vai se iniciando a adolescência, são recolhidos às casas dos pais e lá podem permanecer de 2 a 4 anos, fazendo trabalhos manuais, se fortalecendo com práticas e alimentos especiais, participando de alguns rituais da tribo, mas praticamente isolados do convívio social.

Washington Novaes entende isto como uma eficaz fórmula de evitar a prática sexual precoce, a superpopulação e um preparo efetivo para enfrentar a maternidade, a caça, a sobrevivência, enfim, com mais capacidade, com mais vigor.

Sem dúvida, esta é uma das mais diferenciadas normas da sociedade indígena para a nossa e poucos não sentirão isto como uma reclusão compulsória, uma prisão (Washington sempre se referia, no seriado, a isto como uma prisão). Não entendo assim. Práticas de recolhimento são constatadas em civilizações orientais e o afastamento do "zumbido" social sempre foi um caminho dos mais sábios. Ali, naquelas comunidades tão solidárias e onde, de forma cristalina, nos contagia "a alegria de viver", este recolhimento é uma espécie de corte que torna ainda mais destemidos e independentes os espíritos, levando ao despreendimento e à introjeção da provisoriamente de nossas existências. PS: Já sugeri anteriormente mas reitero a dica: Xingu pode introduzir a cultura indígena nas atividades escolares da Rede Oficial de Ensino. Vamos sair na frente, secretário?